

Seminário
João A. A. de Souza
Nº USP 14515981

Goffman, Erving ([1959] 1995). A Representação do Eu na Vida Cotidiana [“Regiões e Comportamento Regional”]. Trad. M. C. S. Raposo. Petrópolis: Vozes, pp. 101- 131.

1. Estrutura do seminário:

a) Breve biografia d@ autor@ [destacando em especial dados que ajudem a contextualizar histórica e socialmente o texto a ser analisado]

Segunda a professora Dilva Frazão (2016), Erving Goffman (1922-1982) foi um sociólogo, antropólogo e escritor canadense, considerado o pai da microssociologia. Sua obra tem influenciado e contribuído para estudos na área da sociologia, da antropologia, como também no campo da psicologia social, psicanálise, comunicação social, linguística, literatura, educação, ciências da saúde etc. Em 1959, publicou seu estudo de maior destaque “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”. Na obra, desenvolveu a ideia de que o mundo é um teatro e cada um de nós, individualmente ou em grupo, teatraliza ou é um ator consonante com as circunstâncias que se encontra, marcadas por rituais e posições distintivas relativamente a outros indivíduos ou grupos. Segunda Frazão, a maneira de fazer pesquisas, empregada por Erving Goffman teve suas raízes na prática defendida pelos precursores da Escola de Chicago, principalmente Robert Park, baseada na imersão da realidade social a fim de elaborar suas próprias análises.

b) Contexto (formal-editorial, intelectual, histórico-social) de produção do texto a ser analisado;

O texto lido é o terceiro capítulo do livro referenciado. A obra, cuja título original é “*The Presentation of Self in Everyday Life*”, foi publicado originalmente em 1959 como versão revisada e ampliada da tese de doutorado do autor, datada de 1956. Segundo Nunes (2021, p. 770), a obra foi traduzida em 17 idiomas e tornou-se “o maior best-seller da história da sociologia”. A consagração oficial viria dois anos após sua primeira edição. Em 1961, o livro receberia o *MacIver Award*, da *American Sociological Association*, como livro excelente (*outstanding book*) de sociologia do ano. A primeira edição brasileira, foi lançada em 1975, pela Editora Vozes, com o título “A representação do eu na vida cotidiana”, o que, para Nunes (2021, p. 771) é uma má tradução, pois *presentation* é ‘apresentação’, e não ‘representação’; e *self* é um conceito de difícil tradução, normalmente utilizado no original”.

Nunes (2021, p. 771), em pesquisa feita em 2019 no Google Scholar mostrou que essa obra ainda é a mais citada de Goffman com 59.134 citações, seguidas por Stigma (32.694) e Frame Analysis (30.802).

A obra é composta por um prefácio, uma introdução e sete capítulos. Os capítulos são: I – Representações; II – Equipes; III – Regiões e Comportamento Regional; IV – Papéis

Discrepantes; V – A Comunicação Imprópria; VI – A arte de Manipular a Impressão; VII – Conclusão.

c) Conteúdo do texto – elementos focais (sempre acompanhados de citações do texto que comprovem a sua pertinência):

c-1) Tema [assunto] que perpassa o texto todo

O assunto do capítulo em questão é como o título menciona, os diferentes tipos de regiões (região de fachada, região de fundo e o lado de fora) bem como as representações que são feitas pelos agentes que estão em tais regiões (questões de polidez, decoro, simulação de trabalho, simulação de ociosidade, equipamentos cerimoniais, padrões técnicos, padrões expressivos, os estranhos)

c-2) Problema abordado no texto [questão teórica que @ autor@ pretende responder]

O problema é compreender como se dá a representação nas regiões de fachada, de fundo e de fora.

c-3) Principal(is) tese(s) contidas no texto [resposta(s) à questão teórica] - ou hipótese(s), no caso de projetos de pesquisa e ensaios

O autor parte do conceito de Região, que define como sendo “qualquer lugar que seja limitado de algum modo por barreiras à percepção”. (p. 101)

As representações se dão em duas regiões gerais, as de fachada e as de fundo. Segundo o autor:

“[...] será conveniente muitas vezes usar o termo “região de fachada” para se referir ao lugar onde a representação é executada.” (p. 102)

“A representação de um indivíduo numa região de fachada pode ser vista como um esforço para dar a aparência de que sua atividade nessa região mantém e incorpora certos padrões” (p. 102)

Assim, esse tipo de região é onde as representações sociais são feitas, demonstradas ao público. “Os padrões a que se refere são divididos em dois tipos, as questões de polidez que é a maneira pelo qual o ator trata a plateia, enquanto está empenhado em falar com ela ou num intercâmbio de gestos que são substituto para a fala; e o decoro que diz respeito ao modo como o ator se comporta enquanto está ao alcance visual ou auditivo da plateia, mas não necessariamente empenhado em conversar com ela” (p. 102)

O autor vai dividir as exigências do decoro em dois subgrupos, moral e instrumental. No entanto, o próprio explica que “Desde que o padrão seja mantido por sanções e por alguém que as exerça, será geralmente de pouca importância para o ator saber se o padrão se justifica principalmente por motivos instrumentais ou morais [...]” (p. 103)

Importante ponto trazido é o de que esses padrões estarão em todas regiões e com a mesma importância. Veja-se:

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA | PÓS-GRADUAÇÃO

“Estamos acostumados a supor que as regras de decoro que prevalecem em recintos sagrados, como igrejas, serão muito diferentes das encontradas em lugares de trabalho cotidiano. Isso nos deve levar a pensar que nos lugares sagrados os padrões sejam mais numerosos e mais rígidos que os encontrados nos ambientes de trabalho. Enquanto está numa igreja, uma mulher tem permissão de se sentar, sonhar acordada e mesmo cochilar. Entretanto, como vendedora no andar térreo de uma loja de vestidos pode-se exigir que ela permaneça em pé, vigilante, se abstenha de mascar chicletes, mantenha um sorriso fixo no rosto mesmo quando não está conversando com alguém e use roupas que mal pode pagar” (p. 103-104)

Nas regiões de fachada também podem ocorrer, como forma de decoro, a “simulação de trabalho” e a “simulação de ociosidade”. Enquanto o primeiro fala sobre a forma como os agentes representam que estão trabalhando (na região de fachada), para que não sejam chamados a fazer outros trabalhos; o segundo fala sobre a representação de não ter o trabalho, ou seja, de não ter nada o que fazer, usada, por pessoas que querem demonstrar que não trabalham, ou que não precisam fazê-lo. (p. 104-105)

Paralelo a região de fachada há a região de fundo ou de bastidores. Essa, pode ser definida como “o lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é sabiamente contradita como coisa natural. [...] Aqui é onde as ilusões e impressões são abertamente construídas. Aqui os apoios do palco e os elementos da fachada pessoal podem ser guardados, numa espécie de aglomerado de repertórios inteiros de ações e personagens. [...] Aqui a equipe pode rever suas representações, reprimindo as expressões ofensivas, quando nenhum observador está presente, para ser ofendido por elas. Aqui os membros menos capazes da equipe, os que são expressamente ineptos, podem ser treinados ou excluídos da representação. Aqui o ator pode descontrair-se, abandonar a sua fachada, abster-se de representar e sair do personagem” (p. 106-107)

“Obviamente, o controle dos bastidores desempenha papel significativo no processo de ‘controle de trabalho’, pelo qual os indivíduos tentam se presumir contra as exigências deterministas que os cercam”. (p. 108)

“[...] Frequentemente espera-se dos que trabalham nos bastidores a realização de padrões técnicos, enquanto os que trabalham na região de fachada realizam padrões expressivos.” (p. 117)

“A decoração e os acessórios de um lugar onde uma representação particular é comumente feita, bem como os atores e o espetáculo geralmente ali encontrados, contribuem para fixar um espécie de encantamento sobre ele. Mesmo quando a representação costumeira não está sendo executada, o lugar continua a guardar alguma coisa de seu caráter de região de fachada. Assim, uma catedral e uma sala de aula retêm algo de sua atmosfera, mesmo quando somente estão presentes trabalhadores em concertos.” (p. 117)

Sobre a relação entre a região de fachada e de fundo, o autor esclarece que:

“[...] há ainda muitas regiões que funcionam numa ocasião e em certo sentido como região de fachada, e em outra ocasião e em outro sentido como região de fundo. Assim, o escritório particular de um diretor de empresa é certamente a região de fachada, onde sua posição social

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA | PÓS-GRADUAÇÃO

na organização é intensamente expressa por meio da qualidade da mobília de seu escritório. E no entanto é aqui onde ele pode tirar o paletó, desapertar a gravata, ter à mão uma garrafa de bebida e agir com intimidade e mesmo de modo turbulento com outros diretores de sua própria categoria. [...]” (p. 118)

Isso também pode acontecer do ponto de vista temporal

“[...] Para ver isso, basta-nos apenas dar uma olhada num restaurante, armazém ou residência poucos minutos antes de esses estabelecimentos se abrirem para nós no movimento do dia. Em geral, por conseguinte, devemos ter em mente que ao falar de regiões de fachada e de fundo, falamos tomando como ponto de referência uma dada representação e a função para a qual aquele lugar é usado no momento.” (p. 120)

Sobre a relação entre as pessoas presentes na encenação, o autor esclarece que:

“Foi dito que [...] inclinam-se a manter relacionamento íntimo umas com as outras. Esta familiaridade costuma ser expressa somente quando o público não está presente, pois transmite a impressão do indivíduo e do companheiro de equipe em geral incompatível com a impressão [...] que se deseja manter diante da plateia. Como as regiões do fundo estão ordinariamente fora do alcance dos membros do público, é aí que se pode esperar que a familiaridade recíproca determine o tom do intercâmbio social. Igualmente, é na região da fachada que podemos esperar a predominância do tom de formalidade”. (p. 120)

Por fim, o autor trabalha com uma terceira região.

“[...] Parecia razoável acrescentar uma terceira região, residual, a saber, todos os lugares que não sejam os dois identificados (fachada e fundo). Tal região poderia ser chamada de ‘o lado de fora’. [...] quando examinamos a maioria dos edifícios encontramos neles recintos usados de fachada, e verificamos que as paredes externas do edifício separam ambos os tipos de aposentos do mundo exterior. Os indivíduos que estão do lado de fora do estabelecimento podem ser chamados de ‘estranhos’”. (p. 126)

“[...] quando transferimos nossa atenção das regiões de fachada ou de fundo para o exterior, deslocamos também nosso ponto de referência de uma representação para outra. [...]”. (p. 126)

“[...] Geralmente quando intrusos entram na região de fachada, os atores dispõem-se a iniciar a representação que encenam para os intrusos em outra ocasião ou lugar, e esta súbita prontidão em agir de uma determinada forma traz, no mínimo uma confusão momentânea à linha de ação na qual os atores já estão empenhados [...]” (p. 131)

c-4) Objeto empírico [fenômeno social inquirido pel@ autor@ para responder a sua questão]

O autor utiliza-se dos conceitos de região para demonstrar de que forma se dá as representações dos sujeitos, ou seja, os comportamentos regionais.

Importante frisar, que por mais que não seja conceituado no capítulo lido, o termo “representação” é fundamental para compreensão do texto. Visto que são as representações que ocorrem nas regiões.

Diante disso, cita-se o conceito de representação.

“[...] toda atividade do indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença continua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre esses alguma influência[...]” (p. 29)

c-5) Orientações teóricas [autor@s que ajudam autor@ a enfrentar em termos conceituais a sua questão teórica]

O autor não cita diretamente nenhum autor como seu embasamento teórico, mas usa de exemplos de alguns para explicar suas teses. Entre esses estão: Katherine Archibald (p. 104 e 123); Simone de Beauvoir (p. 107); Sir Walter Besant (106); Léo Kuper (p. 113); George Orwell (p. 115); Monica Dickens (p. 115); Everret Hughes (p. 117) e Paul Lacroix (p. 118).

c-6) Estrutura argumentativa utilizada pel@ autor@ para responder a sua questão teórica [lógica da sequência de argumentos utilizada pel@ autor@]

O autor usa de uma coerente sequência, inicialmente apresentando o que é região. Após conceitua cada região e explica o funcionamento interno dela. Fala sobre a região de fachada e explica como as questões de polidez e o decoro fazem parte das representações feitas aí. Usa exemplos, de como tal região se demonstra em restaurantes, hospitais, empresas, entre outros (p. 108). Nesse ponto ele também vai explicar a simulação de trabalho e a simulação de ociosidade, que funcionam como elementos adicionais das representações na região de fachada.

Após, apresenta o que seria região de fundo e de que forma o comportamento nela se dá. O autor usa de diversos exemplos para demonstrar a diferença entre as duas regiões (p. 110-114)

Por fim, explica o funcionamento das regiões de fachada e fundo quando essas são visitadas por “estranhos”, ou seja, pessoas que não pertencem aquelas representações.

c-7) Resultados interpretativos [conclusões] d@ autor@ em relação a sua questão teórica

Como mencionado, o texto lido é o terceiro de sete capítulos da obra, que se encerra com a conclusão. O capítulo em si não tem uma conclusão em si, ele finaliza explicando um funcionamento específico de um tipo de comportamento regional, mas não há nenhuma consideração final ao capítulo, apenas algumas considerações sobre as os comportamentos, logo após suas apresentações.

2. Questões para discussão:

a) Como o espaço público é definido no texto?

Por mais que não haja uma conceito de espaço público no texto, pode-se concluir que ele funciona como uma região, que pode ser de fachada, de fundo ou de fora, ao depender da referência.

b) Qual o objeto empírico tematizado por referência ao espaço público?

O comportamento regional dos indivíduos.